

O véu que cobre o rosto

MARIA JOÃO CEITIL (*)

«Quando vocês pedem algum objecto
às esposas do Profeta,
façam-no por *detrás de um véu*.
Isso é mais puro para os vossos corações e os
delas.

(...)

Nenhuma censura a fazer às mulheres do Profeta
se elas aparecem desveladas
perante os seus pais, os seus filhos, os seus
irmãos,

os filhos dos seus irmãos,
os filhos das suas irmãs
e perante as suas mulheres e os seus escravos.
– Que elas temam Deus,
Deus é, na verdade, testemunho de tudo –

(...)

Ó Profeta!

Diz às tuas esposas, às tuas filhas
e às mulheres dos crentes
para se cobrirem com os seus véus:
é para elas o melhor meio
de se fazerem conhecer
e de não serem ofendidas.
– Deus é aquele que perdoa,
ele é misericordioso – (...).»¹

Desejamos aqui compreender a lógica interna
ao discurso islâmico que legisla o uso de véu nas
mulheres. Não nos identificamos com os discurs-

sos que condenam o Islamismo por ser bárbaro e
selvagem, desumano mesmo (– seria necessário
clarificar o que é o humanismo, e, mais impor-
tante que isso: para quê a humanidade? Para coi-
sa alguma; como afirma Philippe Sollers em
Femmes:

«A existência é uma maldição... Somente
melhorável por volúpia, música (metafísica),
ciência do coito.»²

Pretendemos, na medida do possível, descen-
trar o nosso discurso, o nosso pensamento, e o
nosso desejo, para que possamos olhar o Islamis-
mo sem preconceitos culturais, para que o possamos
olhar com a tolerância e a indiferença com
que olhamos o cristianismo: chocam-nos muito
as «barbaridades» do Islamismo porque perde-
mos a capacidade de Olharmos para o Outro e o
compreendermos; porque perdemos a capacidade
de nos olharmos no Outro, de nos revermos ne-
le... também porque estamos distantes de um
olhar, em simultâneo, para o Outro e para Dentro
de nós; *para aquilo que em nós é o Outro*. Por-
que, de facto, *há em nós um Outro, ou antes,*
uma multidão de Outros inquietantes e es-
tranhos; que nos confundem e inquietam; que
reprovamos e condenamos. Mas o Outro que te-
mos a capacidade de Ver, o Outro Rosto que te-
mos a capacidade de Ver, e até de amar, é sempre
um Outro, um Outro Rosto que está em nós. *Te-*
mos uma multidão de Rostos.

Poderá parecer estranho não condenarmos,

(*) Investigadora.

¹ *Le Coran, II* (1967). (trad. de D. Masson). Paris: Gallimard, Sourate XXXIII, pp. 522-523.

² Philippe Sollers (1983). *Femmes*. Paris: Gallimard, p. 269.

de imediato, o uso de véu no mundo Islâmico: de facto, repudiamos todas as condenações não pensadas e não percebidas (– é sempre mais fácil condenar o Estranho, o Diferente, o Outro; muito mais difícil é tentar percebê-lo). É necessário poder escolher, poder condenar, conhecendo, de facto, o que se condena, assim como deixar-se encantar e fascinar por aquilo que se conhece. É necessário ter a maleabilidade e a flexibilidade de nos deixarmos encantar e fascinar pelo Outro, que é radicalmente diferente de nós, mas no qual há um pulsar forte, tal como em nós. É necessário tentar olhar o Islamismo sem a arrogância habitual com que é olhado no mundo não-Islâmico. Porque, se o Rosto que se reflecte no nosso espelho é sempre o Mesmo; se não aparece um Outro que desestabiliza e abre para a Diferença, circulamos num universo de pura identidade.

Para além dos movimentos de aceitação ou de condenação de uma realidade, existem outros movimentos; entre os movimentos primários e impensados de afirmação, de aceitação, e de negação, de condenação de algo, existem uma infinidade de nuances, de tonalidades, de cambiantes. Deste modo, é na nessa zona «Entre» a Afirmação, a aceitação, e a Negação, a condenação, que nos pretendemos situar.

É necessário ainda que o discurso da razão aceda ao fascínio, ao encanto pela considerada des-razão, pelo considerado irracional. É muito aborrecido, e nada exaltante, o discurso de uma razão que só pensa aquilo que deve ser pensado, que só deseja aquilo que deve ser desejado: um discurso, uma razão submetida a imperativos de ordem ética: uma razão atrofiada e presa a esses mesmos imperativos. Na linha do trabalho desenvolvido por Georges Bataille³, queremos aceder a um discurso racional que não se submete a imperativos de ordem ética, que não teme diluir-se numa identidade fusional por aquilo que é considerado irracional, e, por isso mesmo, reproável, condenável. A razão que só pensa o que deve ser pensado, que só diz o que deve ser dito, que só deseja aquilo que deve ser desejado, é a razão de um Sujeito inexistente: o Conflito fica «esquecido»: «não existe». É por isso que o discurso da tradição filosófica é, em grande medida,

o discurso de um Sujeito Inexistente: um Sujeito ao qual se *apagou*, na medida do possível, o desejo. O grande problema da Filosofia tem sido o progressivo e alucinado desvirtuamento da sua vocação clássica: o amor à sabedoria. O amor é insubmisso, e, a Filosofia tem estado submetida a imperativos de ordem ético-teológica: um verdadeiro contrasenso; de amor à sabedoria a Filosofia transformou-se em «amor à Lei», ao universo Legal.

Voltemos ao Rosto. Há algo de encantador nesta necessidade de as mulheres taparem o Rosto: *algo de Encantador e muito mais Elegante que todas as proibições cristãs no que respeita a legislação sobre assuntos amorosos e sexuais*. As mulheres vêm-se na necessidade de tapar o Rosto porque «isso é mais puro para os corações dos homens e das mulheres». A Ideia de que o coração está no Rosto; não apenas o coração mas também toda a sexualidade: daí a possibilidade de elas terem o rosto destapado no convívio com os seres com os quais não podem ter contactos sexuais. Deste modo, o Rosto é a imagem inequívoca do Desejo, do Amor, da Volúpia, da Sensualidade. Existe aqui a ideia de que o Desejo é algo de visível, algo que se dá ao olhar.

Existe aqui uma ideia muito interessante: *a ideia de uma sexualidade difusa que habita todo o corpo, e, que não está concentrada nos órgãos genitais: a ideia de uma sexualidade que «fala», de um modo descarado e despudorado, no Rosto. Trata-se da ideia de um corpo, de um ser «animado» por uma «alma sexual» que se figura, que se con-figura no Rosto*. Repare-se que se a sexualidade estivesse nos genitais não existiria essa proibição de ter o Rosto destapado. É por isso mesmo que nós, «do lado de cá», não temos que cobrir o Rosto; porque a fantasia acerca da sexualidade que habita o Rosto é fraca, ou inexistente mesmo. Para além dos limites corporais há sempre outros limites: o Dentro e o Fora não existem só a nível corporal. É por isso que é interessante passar os limites e ir ao «lado de lá», ir-e-vir entre o «lado de cá» e o «lado de lá»; para chegar a perceber como os limites podem ser alterados; como podemos alterar o Dentro e o Fora. A proibição relaciona-se com razões de ordem amorosa e sexual. O Islamismo é muito menos organicista e genitalista do que o cristianis-

³ Cf. Georges Bataille (1976). *Oeuvres Complètes*, VIII. Paris: Gallimard.

mo: para o discurso cristão, incapaz de pensar uma sexualidade difusa e não genital, que nos invade o Rosto de um modo óbvio a quem o olha, a sexualidade está concentrada nos genitais; para não falar das proibições acerca daquilo que é *contra-naturam*.

Como afirma Santo Agostinho em *De Civitate Dei*:

«Os desejos têm, portanto, múltiplos objectos: no entanto, quando falamos de *libido* sem nomear o objecto desejado, pensamos quase sempre na excitação das partes obscenas do corpo. Este desejo não se contenta de se apoderar de todo o corpo, exteriormente e interiormente; ele atormenta o homem na sua totalidade, unindo e misturando as paixões da alma e os apetites carnis para conduzir esta volúpia, a maior de entre todas as do corpo; de modo que, no momento em que ela atinge o seu cúmulo, toda a acuidade e o que poderíamos chamar a vigilância do pensamento, estão quase aniquiladas. (...)»⁴

O mundo cristão está sempre muito ocupado com as *obscenae partes corporis*, e é por isso mesmo que é incapaz de Ver outras realidades. É de salientar uma diferença capital, no que respeita ao desejo sexual, entre o discurso cristão e o discurso Islâmico: o discurso cristão revela uma *incapacidade forte para a fantasia, para o sonho, revela uma incapacidade para pensar uma sexualidade não genital, e, para além disso, uma incapacidade para deslocar essa genitalidade dos genitais para o Rosto, para o corpo todo, uma incapacidade para aceder a uma sexualidade difusa, que se Respira, que «Transpira» em todos os poros do nosso corpo*. O que é interessante verificar é a pobreza do discurso cristão: limita-se ao mundo anatómico do Sujeito e é incapaz de criar um outro corpo, para além do corpo anatómico: a sexualidade está nos órgãos genitais, e, sobre isso, não se fantasia, ou então a fantasia é muito pobre e muito elementar (: o surgimento da Pornografia é uma consequência inevitável do mundo cristão: e a Pornografia é o que existe de mais pobre em termos de imagi-

⁴ Saint Augustin (1959). *De Civitate Dei* (trad. de G. Combès). Paris: Desclée De Brouwer, XIV, XXI, p. 438.

nação: o cristianismo apela a Pornografia, e, a Pornografia apela o cristianismo). De facto, a necessidade de as mulheres usarem o véu, no mundo Islâmico, revela a *existência de um outro corpo para além do corpo anatómico; revela que o Islamismo faz um apelo mais forte à imaginação que o cristianismo*. Em matéria de imaginação, pode-se dizer que o objectivo do discurso cristão, é liquidá-la.

Para sermos correctos teremos que dizer que a sexualidade não está só nos órgãos genitais; também «está nos nossos corações que clamam por adultérios, fornicções e coisas semelhantes»⁵. No entanto, o que é central e estruturador são as *obscenae partes corporis*, como se o Sujeito não fosse um todo; como se o Sujeito fosse um Sujeito clivado. *O discurso cristão não é capaz de aceder à necessidade de tapar o Rosto porque não Vê para além das Fornicações Desalmadas, porque é incapaz de Ver um Rosto eroticamente investido; e, temos que afirmá-lo, Vê muito mais quem é capaz de Ver um Rosto eroticamente investido do que quem não é capaz de o fazer*; o discurso cristão não Vê para além daquilo que se lhe apresenta de um modo imediato ao olhar: é por isso que é incapaz de aceder ao Encanto do Rosto do amante, ao Desejo que fala de um modo brutal no Rosto do amante; ao desejo que se expõe e *Cega* de um modo violento, no Rosto do amante. O cristianismo é incapaz de aceder à *Cegueira do Desejo, da Volúpia, da Sensualidade*, devido à sua obstinação em se fixar no corpo anatómico; é incapaz de aceder à transgressão, que pode ser, contemplar um Rosto destapado.

Deverá ser dito que, em matéria legal, o Islamismo está muito mais próximo de uma *Lei do Desejo* do que o cristianismo; uma lei do desejo «irracional», brutal, feroz, incontido; e só pretendemos falar aqui da necessidade do uso de véu por parte das mulheres; não desejamos entrar na questão da poligamia masculina, porque aí é óbvio, indiscutível, como *a Lei é a Lei do Desejo (... Masculino)*. E isso é, de facto, algo de fascinante no Islamismo: o facto de transformar o desejo em Lei, em ordem Legal. No mundo cristão

⁵ Cf. Saint Augustin, *Op. cit.* (1959), e *De Bono Conjugali* (1948) (trad. de G. Combès). Paris: Desclée De Brouwer et Cie.

a Lei, toda a legalidade é entendida como força contrária à realidade desejante: a Lei obriga ao casamento monogâmico, quando o desejo deseja casamentos poligâmicos; a Lei obriga a não praticar o incesto, quando o desejo deseja ter relações incestuosas; a Lei proíbe a pedofilia, quando o desejo deseja a pedofilia... para só enumerar algumas situações em que a Legalidade legisla de um modo contrário ao Desejo. Estamos habituados a que a realidade desejada não seja idêntica à realidade legal: *a grande subversão do Islamismo é transformar o Desejo em Lei; e é isso que nos choca e subverte o nosso modo de pensar e de ser*. Talvez seja necessário repensarmos os nossos paradigmas legais. *Não é de excluir a hipótese de que o mundo Islâmico esteja mais próximo do Ser do Humano do que o mundo cristão*.

O facto de afirmarmos o nosso fascínio pelo Islamismo, não significa que tenhamos um igual fascínio pela sua dimensão prática, pela «passagem ao acto» da Fantasia. Para que não existam equívocos, é necessário saber distinguir o fascínio por uma Ideia, uma Fantasia, do fascínio pela «passagem ao acto» dessa Fantasia, dessa Ideia. Interessa-nos apenas a dimensão teórica; e, essa dimensão teórica pode existir de um modo independente da prática. *Nada de mais errado do que Reduzir uma Ideia à sua Realização Prática= Identificar o Mundo Onírico e Pensante com o Mundo Não-Onírico e não-Pensante*. Uma Ideia tem um Valor intrínseco, e pode ser bela, apesar de a sua realização prática se revelar um verdadeiro desastre. Os discursos que só vêem a realização prática das Ideias são discursos empobrecidos, que perderam a *Outra Dimensão*: a Dimensão Soberana e Inútil do Ser⁶. É aqui que se joga, verdadeiramente, a questão dos Valores porque, o Valor está na Soberania, na Inutilidade. O nosso discurso situa-se *Fora do Uso, à Margem da Utilidade... visa a máxima Inutilidade*. Aquilo que nos interessa não é o Uso do Véu, é a *Ideia do Uso do Véu*. E, é necessário ser-se intolérante e brutal perante todos os movimentos do pensamento funcional e utilitário que ameaçam essa Soberania. Não se pode ser tolerante perante

os movimentos destrutivos do pensamento funcional e utilitário (: talvez fosse necessário fazer uma «guerra santa» aos infiéis da Soberania).

O Desejo deseja de um modo brutal, feroz, incontido, «irracional». Como afirma Ibn 'Arabî em *Traité de L'Amour*:

«Tal é o estado sentido pelo ser inflamado de amor no momento da união com o amado. Ele nunca está satisfeito na sua necessidade de o contemplar, e, não pode desfazer-se do desejo insaciável que suscita nele. De cada vez que dirige o olhar para ele, a sua emoção extática (*wajd*) e o seu desejo ardente, crescem, ainda que esteja na sua presença, como o poeta o cantou:

*Não é surpreendente que por eles eu suspire
E que os questione sobre o desejo ardente,
Enquanto eles não deixaram de estar na
minha presença.
O meu olho chora-os, e no entanto eles estão
na minha pupila.
A minha alma deseja-os ainda que estejam
perto de mim.»⁷*

O Desejo é Insaciável: nunca está satisfeito: o desejo deseja sempre mais e mais e mais e mais e mais... até ao infinito. E é esta realidade que é insuportável ao discurso cristão – a Ferocidade do Desejo: *o Desejo é Insaciável, Brutal, Feroz, Incontido, «Irrracional», Agressivo*. É de facto, difícil falar deste «Rosto do Desejo»: o seu Rosto selvagem, animalesco e desmedido. E é isso que não pára de nos encantar no discurso Islâmico, porque é o discurso de um Desejo Brutal, Insaciável, Feroz, Desmedido e Incontrolável. *Não há nada de mais Desumano do que um Desejo Controlável e com «a Justa Medida»; é algo de arrepiante: um Desejo que perdeu a sua brutalidade, a sua violência, a sua virulência*. Se se afirma que o Desejo é «irracional» é somente porque ele não deseja aquilo que a razão diz que é desejável: mas o que a razão diz que é desejável «mata» a capacidade desejante a qual quer um. O Desejo é Insaciável devido à Falha estrutural do ser: nunca atingimos a completude, a satisfação total, a fusionalidade total com o amado: *é por o Desejo ser Insaciável, isto é, por*

⁶ Cf. Georges Bataille (1976). *Oeuvres Complètes*, VIII. Paris: Gallimard.

⁷ Ibn 'Arabî (1986). *Traité de L'Amour* (trad. de Maurice Gloton). Paris: Albin Michel, p. 55.

sermos seres no registo da Falha, da Negatividade, que há Reparação, isto é, Filosofia, Arte e Ciência. Reparação da Falha primordial e estrutural de ser: de ser mal amado; porque, é-se sempre mal amado; o amor nunca é suficiente.

Podemos ficar muito chocados com a necessidade da as mulheres taparem o Rosto no mundo Islâmico: no entanto, esse choque vem-nos da razão, e não daquilo que o nosso desejo deseja; porque aquilo que o nosso desejo deseja é sempre algo de inconfessável perante os paradigmas, as normas, os referentes da razão. *Aquilo que o nosso desejo deseja é «irracional» perante os paradigmas clássicos da razão, é brutal, feroz, violento, agressivo.*

Se acedermos a um discurso do desejo não nos podemos chocar com a necessidade de as mulheres taparem o Rosto no mundo Islâmico, porque *é sempre algo de muito doloroso não podermos «guardar, e preservar, o nosso amante só para nós»*. Com uma grande elaboração racional, chegamos a afirmar a «irracionalidade» do ciúme; no entanto, precisamos de um grande trabalho da razão sobre o nosso desejo brutal. Precisamos de um grande trabalho de censura, de recalçamento sobre o desejo para chegarmos a afirmar a «irracionalidade» do ciúme; precisamos de um grande trabalho de censura sobre aquilo que desejamos de um modo originário para nos chegarmos a chocar com a necessidade do uso de véu por parte das mulheres no mundo Islâmico. E questionamo-nos a propósito de algo: *que discurso é que está mais próximo do Ser do Humano, aquele que se «atreve» a erigir em Lei o Desejo, ou aquele que recalca e estropia o Desejo com a finalidade de chegar a uma ordem racional?* Esta questão é respondível de acordo com os Referentes que temos para o humano: o problema principal reside na definição de razão, na definição clássica de «ser racional», como afirma Georges Bataille⁸: porque o erro está em separar-se a razão do desejo, o problema está em introduzir uma separação, uma diferença onde ela não existe: a razão é desejanter. O problema está em identificar-se a razão, a função racional com a censura, com o recalçamento, com o controlo. De facto, a razão tem sido identificada

⁸ Cf. Georges Bataille (1976). *Oeuvres Complètes*, VIII. Paris: Gallimard.

com o controlo: é deste modo que o desejo surge como sendo contrário à razão: o desejo apela ao descontrolo; é descontrolado, ao passo que a razão é sinónimo de controlo. Como afirma Georges Bataille em *Oeuvres Complètes*, VIII:

«(...) Da maneira mais geral, o erotismo opõe-se à conduta habitual como a despesa à aquisição. Se nós nos conduzimos segundo a razão, esforçamo-nos por aumentar os nossos recursos, os nossos conhecimentos ou, de um modo geral, o nosso poder. Nós tendemos, servindo-nos de diversos meios, a possuir mais. É sempre a condutas visando o crescimento que se liga a afirmação que fazemos de nós mesmos no plano social. Mas, no momento da febre sexual, conduzimo-nos de um modo contrário: gastamos as nossas forças sem cálculo, e, perdemos, sem medida e sem lucro, quantidades de energia consideráveis. A volúpia é tão semelhante à ruína que nós nomeámos "pequena morte" o momento do seu paroxismo. Em consequência disso, os objectos que evocam para nós a actividade sexual estão sempre ligados a alguma desordem. (...)»⁹

A «conduta segundo a razão», de que fala Bataille, é uma conduta segundo uma ideia de razão: uma ideia de razão ordenada, controladora, dominadora; mas há outras ideias possíveis de razão; não estamos condenados a uma ideia de razão. Pelo facto de se ter identificado a razão como uma instância contrária ao desejo não quer dizer que a razão seja contrária ao desejo: quer apenas dizer que *se identificou a razão com a função de controlo, de domínio, de repressão, de censura da realidade desejanter*. Mas a razão pode ser identificada com muitas outras coisas; e é isso que nos Revela o discurso Islâmico: *a razão pode ser identificada com o Desejo descontrolado, selvagem, não dominador*; porque, contrariamente ao que se possa pensar, o discurso Islâmico não é «irracional»: é apenas o discurso de um Sujeito diferente; o discurso de uma razão que não escolheu o controlo, o domínio total da realidade desejanter; é apenas o discurso de uma outra Subjectividade. A nossa dificuldade em perceber, e, em aceitar o Islamismo, reside na

⁹ Idem, p. 152.

fraca capacidade de identificação que temos com esse Sujeito, com essa Subjectividade; reside na nossa *dificuldade em percebermos o Outro, o Estranho, o Diferente; o radicalmente Outro: aquele que tem um Outro Rosto no qual não nos podemos Olhar, porque não nos reconhecemos naquilo que vemos; porque não há Reconhecimento; e, não há Reconhecimento porque não há Identificação, porque não há Amor por esse Outro Rosto tão radicalmente diferente do nosso*. Mas esse Outro Rosto também é amável, tão amável como o nosso; e tão possível como o nosso. Todos os Rostos são possíveis: desde os Rostos tapados até aos Rostos destapados, tudo é possível, e, legítimo. O mais incompreensível é condenarmos o Outro Rosto simplesmente porque não é o nosso Rosto, simplesmente porque é um Rosto que tem Referentes e Paradigmas diferentes do nosso; simplesmente porque é um Rosto com linhas, contornos e definições diferentes do nosso.

Se é necessário às islamitas taparem o Rosto é porque na contemplação do amado, na contemplação do Rosto do amado há um jogo erótico forte, denso, transbordante de sentidos; as trocas contemplativas têm um valor forte e inestimável. Nas trocas contemplativas não são apenas os olhares que se trocam e devolvem mutuamente: nas trocas contemplativas com o amado é o ser na sua totalidade que se troca e transfigura, e transforma... é o ser na sua totalidade que se dá num movimento de dedicação total e inexcedível ao amado. É Ibn 'Arabí que fala dessa contemplação que fecunda e alimenta em *Traité de L'Amour*:

«(...) Durante dias inteiros não pude ingerir o menor pedaço de alimento. De cada vez que a mesa servida me era apresentada, ele ficava muito perto olhando-me, e, dizendo-me de uma linguagem que eu ouvia das minhas próprias orelhas: "Comerás enquanto me contemplas?". Ele proibia-me assim de comer, sem que, no entanto, eu tivesse fome. Ele penetrava em mim de tal modo que eu chegava a engordar. *O meu olhar estava grávido dele, ele que me servia de alimento*. Os meus amigos espantavam-se que eu fosse sustentado sem me ter alimentado, porque eu permanecia assim muitos dias, sem o desejo de saborear o que quer que fosse, e sem fome nem

sede. *Ele não deixava de estar perante a minha vista, quaisquer que fossem as minhas posições: em pé, sentado, em movimento ou em repouso.*»¹⁰

«O meu olhar estava grávido dele, ele que me servia de alimento...». É muito bela e delicada a ideia de ser fecundado pela contemplação do amado, pelo olhar do amado, que entra em nós, nos invade, e se apropria de nós... *se apropria do nosso Rosto*. Uma sexualidade que se respira, e «Transpira» até à insuportabilidade em todo o corpo: uma sexualidade que habita o Rosto e fala uma Linguagem Brutal e inequívoca: a Linguagem do Desejo. *Um olhar que se abre sem limites e sem controlo a todos os movimentos do desejo do amado; um olhar perdido, abandonado, encantado, fascinado, seduzido... «cego» pela intensidade transbordante daquilo que vê*. Um olhar que não teme ser apropriado pelo olhar do amado. É evidente que, para se chegar a uma tal significação do Rosto, e do acto de contemplação, é necessário, primeiro, ter chegado ao *Desejo de Perdição, de Abandono, de Encanto, de Fascínio*. Sem tal desejo é incompreensível a simbólica do Rosto no Islamismo, é incompreensível o modo como o Rosto é erotizado. *Aquilo que um Rosto pode Ser, e Significar, é algo que permanecerá ininteligível para nós enquanto estivermos distantes de um discurso de um Desejo Perdido, Abandonado, Encantado, Fascinado*. Porque um Rosto não é apenas um Rosto – um Rosto é toda a significação que pudermos ler nesse Rosto; e a significação que podemos ler depende, em absoluto, das trocas que se efectuam entre o nosso Rosto e esse outro Rosto; se afirmarmos que é «irracional» a necessidade de as islamitas taparem o Rosto é porque nunca nos apaixonámos por Rosto algum; é porque nunca nos olhámos no Rosto de um amado.

É necessário chegar a enunciar o conflito, a contradição, isto é, chegar a enunciar que, embora o Islamismo possa ser muito condenável, sobretudo para o universo feminino, não deixa, por isso mesmo, de ter Ideias Encantadoras, de ser um discurso que fascina. A ideia de liberdade, e, de uma Subjectividade maleável e flexível, não

¹⁰ Ibn 'Arabí (1986). *Traité de L'Amour* (trad. de Maurice Gloton). Paris: Albin Michel, p. 55.

enquistada e não esclerosada, tem tudo a ver com isso: o que é aqui enunciado é a possibilidade de desejarmos, e de afirmarmos esse nosso desejo, por realidades condenáveis: as realidades condenáveis podem ser belas e encantadoras. Cansam-nos, de um modo terrível, até à náusea, os discursos onde o Sujeito é um Sujeito sem conflito, sem contradições.

«Je m'étonne de l'amoureux dont les beautés
Miroitent dans fleurs et jardins!
Et moi à elle: «Ne t'étonne pas de qui tu vois,
Ce que tu as vu est toi-même dans le miroir d'un
homme.»¹¹

O Sujeito vê-se no Rosto do Outro: tal como num espelho; o Sujeito adquire um Rosto especular devido ao fenómeno desejante... e os Rostos devêm espelhos que reflectem os outros Rostos, isto é, os outros desejos. *Uma intimidade especular... e transgressiva, traidora.* Pode ser muito mais transgressivo olharmo-nos no Rosto do amado do que estar ao nível das fornicções desalmadas; para falar verdade, não conseguimos adivinhar transgressão alguma nas fornicções desalmadas. Muito mais transgressiva é a Traição: *a possibilidade de trairmos o nosso Rosto originário e adquirirmos um outro Rosto: porque isso implica uma Re-Figuração total do Ser.*

É absolutamente irrelevante que o amor especular possa conduzir à morte, tal como acontece no mito de Narciso. Quando nos contemplamos no Rosto do amado, quando ele nos *devolve* o nosso Rosto, e nós lhe *devolvemos* o Rosto dele... somos um único Rosto sendo, no entanto, dois Sujeitos separados e distintos, distantes; a possibilidade de sermos um único Rosto cria a ilusão de uma identidade fusional. *A tragédia está no facto de não passarmos do registo do olhar, da contemplação: nunca podemos chegar a ser o Outro Rosto, mesmo sendo esse Outro*

¹¹ Idem (1989). *Le Chant de l'ardent désir* (trad. de Sami-Ali). Paris: Sindbad, p. 31. Não traduzimos o poema por dois motivos: em primeiro lugar, porque preferimos a tradução de Sami-Ali a uma tradução na nossa língua materna, em segundo lugar, porque o poema permanece, deste modo, inteligível. Mesmo que o poema não permanecesse integralmente inteligível por vezes é necessário *sacrificar a inteligibilidade à musicalidade.*

*Rosto aquele que nos devolve o nosso Rosto: é, também, o que acontece no mito de Narciso: ele nunca chega a ser o Outro Rosto de si mesmo, e não é, não o pode possuir, não se pode apropriar dele, a não ser pela morte: infinitamente distante de si mesmo, isto é, do amado. Aquilo de que fala o mito de Narciso é da tragédia da Separação do amado; mas só há Separação devido à realidade espacial, porque *não podemos ser o espaço que o amado ocupa, embora possamos ser o Rosto, a imagem do amado.* No amor especular, na paixão pelo Rosto do Outro que é o nosso próprio Rosto, somos apenas espelhos, imagens, seres sem substancialidade, superfícies sem volume, sem relevo, sem profundidade. Imagens que se reflectem e devolvem mutuamente.*

Mas há um outro olhar, um *olhar sem Rosto*, um olhar que vê sem ser visto; um olhar que invade e está em todo o lado: o olhar da Lei, da Censura.

«Que elas temam Deus,
Deus é, na verdade, testemunho de tudo».

A relação é sempre triangular: o erro está em o terceiro pólo da relação ser o inexistente (substituiremos o termo «deus» por o «inexistente», porque é o mesmo; deus e a inexistência também têm o mesmo Rosto). O inexistente é o grande voyeur: aquele que tudo vê, sem, no entanto, ser visto; aquele que é intrusivo e invade a intimidade para a julgar, e avaliar. O inexistente é o olhar da autoridade, da Lei, da instância de censura; aquele que podemos trair ao amarmos um outro Rosto: aquele que podemos trair ao desrespeitarmos o imperativo de termos o Rosto velado. Aquele que podemos trair ao desrespeitarmos, ao desobedecermos à Lei que obriga ao uso de véu: *o terceiro é sempre alguém a trair.* Há alguma dificuldade em flexibilizarmos a relação e alterarmos, mudarmos esse terceiro: mudarmos a Lei, o Referente... o Rosto.

Aquilo que é interessante salientar é o modo como o universo desejante e amoroso está relacionado com o universo legal: de facto, sem o registo da legalidade, ou antes, sem a existência da ilegalidade, da proibição, do interdito, o desejo evaporar-se-ia. Como nota Bataille¹², existe uma

¹² Cf. Georges Bataille (1957). *L'Érotisme*. Paris: Ed. Minuit.

relação íntima entre o desejo e o interdito, isto é, sem interdito não há desejo. O problema levantado pela inexistência do interdito está na impossibilidade da triangulação, o que é o mesmo que dizer, da traição.

A Lei que é transgredida, traída, no acto de desocultação do Rosto, é a Lei que obriga à pureza, isto é, uma mulher que desoculta o Rosto é uma mulher que se expõe à impureza; a ideia é a da relação íntima entre o Rosto desnudado da mulher e a impureza. A mulher que desoculta o Rosto é a mulher que se expõe, que se abre ao acolhimento do desejo masculino. Aquilo que ela expõe é, no fundo, a sua disponibilidade para ser amada. Aquilo que é interessante é o facto de *o Rosto estar sobrecarregado de significação, de sentido*. O que não pára de nos encantar, nesta problemática sobre o uso de véu por parte das mulheres no mundo Islâmico, é o facto de que *cada coisa não é apenas aquilo que é a um primeiro nível de apresentação da realidade: um Rosto não é apenas um Rosto: um Rosto de mulher pode ser o corpo aberto e desejante dessa mesma mulher; cada coisa é o que é a um primeiro nível de apresentação da realidade, mas não é apenas isso; a realidade não se esgota nesse primeiro nível de apresentação. Deste modo, existem vários níveis de Apresentação da realidade; tantos níveis quantos os que a nossa Fantasia tiver capacidade de criar. A proliferação e a multiplicação do sentido: o deslocamento do sentido no Sujeito*. A realidade tem uma infinidade de níveis de apresentação, de ser, mas, só acedemos aos níveis «pró-fundos» se tivermos a capacidade de Ver para além do primeiro nível, para além da imediatez, e, da tão falada racionalidade. É evidente que, de «um ponto de vista racional», um Rosto é apenas um Rosto: um vazio de sentido, de significações outras. Mas, «de um outro ponto de vista», um Rosto pode ser um Rosto que tem em si uma significação forte; pode ser algo transbordante de sentido. É disso mesmo que fala Frederico Pereira em *Sobre (O Corpo E) O Imaginário: Notas em Redor da Psicossomática de Sami-Ali em Forma de Prefácio*:

«(...) A coisa representada *esgota-se* no signo que a enuncia. Não por uma *carência* de representação, mas por uma relação biunívoca entre o signo e a representação da coisa que nele se faz presente.

Ou seja, por exemplo, existe a representação de "noite", e a representação de flor, e existe o signo "noite" e o signo "flor"; mas o que não existe é a representação de "noite-flor" ou de "noite florida" porque "noite é noite" e "flor é flor". Não são os campos semânticos que faltam; é a sua conjugação que é interdita.

Por isso, nesse extremo, não há espanto, não há criação, parece não haver imaginação, no sentido de criação de imagens. Aí se organiza a *fenomenologia do Banal*.»¹³

E, um pouco mais à frente:

«Desdobramento infinito, como infinito é o Imaginário.

Talvez por essa infinitude ele assuste, talvez por isso a nossa cultura tenha contra ele construído tremendos exércitos, que incansavelmente *repetem* que "uma coisa é uma coisa e sobre ela nada mais há a dizer senão que uma coisa é uma coisa". Montagem ela própria infinita de máquinas que levam a acreditar que todo o pensamento é perigoso ou confuso, e que, para além das películas visíveis nada mais há a ver ou descobrir ou imaginar.»¹⁴

Se nos chocamos e espantamos com a proibição da desocultação do Rosto por parte das mulheres no mundo Islâmico é porque pensamos, entre outras coisas, que, «uma coisa é uma coisa e sobre ela nada mais há a dizer senão que uma coisa é uma coisa»; isto é, «um Rosto é um Rosto, e, sobre isso nada mais há a dizer senão que é um Rosto». Na realidade, *pensa-se pouquíssimo; quase nada*. Porque, para além «da película visível» do Rosto há um mundo de significações, de sentidos ocultos e *Invisíveis para os olhos que não são capazes de Ver para além do primeiro, e primário, nível de apresentação da realidade*. Deveríamos também, chocarmo-nos, e espantarmo-nos, com a pobreza da nossa «capacidade Visual», quando nos chocamos, e espantamos, com

¹³ Frederico Pereira (1992). *Sobre (O Corpo E) O Imaginário: Notas em Redor da Psicossomática de Sami-Ali em Forma de Prefácio*. In Sami-Ali, *Pensar o Somático – Imaginário e Patologia* (trad. de Maria Emília Marques). Lisboa: ISPA, pp. XVIII-XIX.

¹⁴ *Idem*, p. XXVII.

a proibição da desocultação do Rosto por parte das mulheres no mundo Islâmico. Aquilo que não Vemos é aquilo que somos incapazes de fantasiar, de sonhar; se não Vemos um Rosto fortemente erotizado, ao ponto de ser necessário cobri-lo, é porque somos incapazes de aceder a essa fantasia; é porque somos incapazes de sonhar com um Rosto transbordante de significação erótica. O que pretendemos aqui afirmar é que, em nome da racionalidade, o trabalho que se efectua é de *esvaziamento do universo imaginário do Sujeito*. Como se, perversão máxima desta forma de pensar (?), fosse necessário um trabalho de despojamento, de esvaziamento do imaginário para que se pudesse aceder à racionalidade. Aquilo a que se acede, desse modo, é à máxima pobreza do Ser e do Pensar. O erro está na ideia que se tem de razão.

O erro está na ideia que se tem de razão, de racionalidade, num duplo sentido: por um lado, tal como já vimos, criou-se a ideia de que a razão é uma instância contrária ao desejo, criando uma separação no seio do próprio Sujeito; quando, o que é contrário ao desejo é a instância da Censura. Deste modo, *o erro está em identificar-se a razão com a instância da censura, a função racional com a função recalcante, que se opõe à força desejante*. Para além disso, criou-se a ideia de que a razão é contrária à imaginação: tal ideia vem da herança platónica; é de recordar a inimizade de Platão pelos poetas porque eles não conduziam os homens no sentido da verdade mas antes no sentido da falsidade¹⁵; isto é, criou-se a ideia de que *a Verdade do Ser está num discurso que se pretende «puramente racional»; um discurso que não deve «misturar-se» com o discurso do imaginário: uma ideia de Verdade verdadeiramente louca*. Como se não fosse a razão a ser imaginativa e criadora. O duplo erro, separar a razão do desejo, e, separá-la do imaginário, teria por objectivo conduzir-nos a uma qualquer clarividência a respeito do Ser: aquilo a que nos conduz é a uma cegueira e a uma pobreza, ao nível do conhecimento, arrepiantes. É por isso que *é necessário um Outro Discurso da Razão: um Outro Rosto para o discurso filosófico: um Rosto*

que se permite acolher o Desejo e o Imaginário; um Rosto problemático e conflituoso mas, infinitamente mais «vivo» que o rosto actual. De facto, não há motivo algum, de ordem filosófica, para que o discurso da razão não aceda ao desejo pela considerada «des-razão», e ainda ao desejo pelo imaginário. A Verdade, no domínio da Subjectividade, não se encontra num Sujeito que identifica razão com censura e incapaz de sonhar. O problema está naquilo que acima enunciámos, quando dissémos que, de amor à Sabedoria, a Filosofia se transformou em «amor à Lei», «amor ao Universo Legal»: desse modo, identificou-se, de imediato, a função pensante e racional com a função censória e legisladora.

Afirmar, como afirmámos acima, que existe a ideia da relação íntima entre o Rosto desnudado da mulher e a impureza, significa que estamos ao nível da problemática do *Rosto Atribuído*, do Rosto con-figurado do Sujeito na relação primordial com a figura materna; porque o Rosto que cada um de nós tem con-figura-se, adquire os seus contornos, as suas linhas, no seio dessa relação primordial (: e, esses contornos, essas linhas serão belas ou horríveis de acordo com a Imagem que a figura materna nos *devolve*). Precisamos sempre de um Espelho que nos reflecte para chegarmos a constituir, a con-figurar o nosso Rosto; *um Espelho que dá sentido ao nosso Rosto: nunca chegaríamos a constituir o nosso Rosto se não existisse um Outro-Rosto-Espelho que o reflecte: é só desse modo que podemos ter uma Imagem do nosso Rosto: e a Imagem que criamos depende em grande parte daquela que nos é devolvida pelo Outro-Espelho-Rosto*. É Sami-Áli que fala desta criação do Rosto numa relação especular, em *Corps Réel, Corps Imaginaire*:

«(...) Com efeito, desde a origem que o jogo fantasmático, modalidade particular do sonho que é projecção, se traduz pela execução de uma actividade encantatória, tanto motriz quanto verbal, destinada a elaborar a ausência e a presença da figura materna. Desta elaboração, o jogo da bobina, do qual, nota Freud, "Fort" e "Da", escandem o desenvolvimento cíclico, dá-nos, de um modo incontestável, o exemplo mais significativo. Não é um acaso aqui, que a criança, que transpõe ludicamente uma situação de sepa-

¹⁵ Cf. Platão (s. d.). *República* (trad. de Maria Helena Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ração infligida pela mãe, *se descubra ao mesmo tempo no espelho*. Assim, paralelamente à bobina da qual domina a desapareição e a reaparição no espaço, ela organiza um outro jogo onde faz, alternadamente, desaparecer e reaparecer a sua própria imagem especular. Esta significa o objecto maternal, presente e ausente ao mesmo tempo, que a criança se ocupa a dominar através de um corpo do qual começa a apreender a reduplicação imaginária. E como, por outro lado, é à mãe que a criança anuncia a sua nova proeza, isto é, que é agora capaz de se fazer desaparecer ("Bebé O-o-o-o-o-"), *a mãe devém um espelho, o qual é também o rosto do sujeito* (1). (...)»¹⁶

A transgressão, neste domínio, reside na possibilidade que o Sujeito tem de se des-fazer, de destruir mesmo, esse Rosto Atribuído, e, devir um outro Rosto. Deste modo, o que se descobre, na possibilidade de as mulheres desocultarem o Rosto, aquilo que se adivinha é, não só a possibilidade de serem impuras mas, muito mais grave que isso, a possibilidade de elas devirem um outro Rosto; nem puro nem impuro: um outro Rosto: a possibilidade de transgredirem a Lei que as obriga à ocultação do Rosto devido à impureza. A transgressão máxima dessa lei não é, de modo algum, desocultarem o Rosto para serem impuras, mas antes adquirirem um outro Rosto; abandonar a Lei, e devir Infidel. Desocultar o Rosto para ser impura ainda é estar a um nível muito primário e elementar da transgressão: porque a relação com a Lei, isto é, a relação com aquele Olhar sem Rosto que tudo vê e avalia, o Referente continua lá: o Referente continua a ser o mesmo: o olhar do inexistente não desapareceu. *A transgressão máxima é mudar de Rosto, mudar de Lei, mudar de Referente*. Se as mulheres têm que ter o Rosto oculto é para que elas não cedam à possibilidade de devirem um outro Rosto porque, *trair o Rosto Atribuído na relação primordial*, é, na realidade, algo de muito complexo. Trair o Rosto Atribuído pela Lei é algo de muito complexo e problemático. É por isso que o amor que nos leva a olharmo-nos no

¹⁶ Sami-Ali (1984). *Corps Réel, Corps Imaginaire*. Paris: Dunod, p. 151.

Rosto do amado é muito mais transgressivo do que o amor (?) das fornicções desalmadas. A grande transgressão é a possibilidade de acedermos à Metamorfose e de sermos e amarmos múltiplos e diferentes Rostos.

No que respeita à ideia da relação íntima entre o Rosto desnudado da mulher e a impureza, encontramos-nos perante uma variação sobre o *Tema da Vocação da mulher para o Mal*. Sade também nos fala nessa *Vocação em Histoire de Juliette, ou les Prospérités du Vice*:

« (...) Aqui está como eu amo as mulheres; elas são mais ferozes que os homens, quando se dedicam à crueldade.

– A razão disso é natural, respondi eu, os seus órgãos são mais subtis, a sua sensibilidade mais profunda, os seus nervos muito mais irascíveis: ora, aqui está o género de constituição que conduz à barbárie.

– Com uma imaginação muito mais viva que a nossa, uma mulher deve mais avidamente dedicar-se aos excessos, e é por isso que, no crime, elas vão sempre muito mais longe que nós. (...)»¹⁷

A ideia da *Vocação da mulher para o Mal* radica num movimento simples: expulsão do campo da Negatividade, do Mal, para Fora: a Negatividade não está em nós, está Fora de nós, no Outro: é esta a lógica interna ao discurso masculino que coloca no feminino a Negatividade, o Mal: uma ideia primária, grosseira, elementar e simplista. Não há nada de mais aborrecido para uma mulher do que o tema da sua *Vocação, enquanto mulher, para o Mal*. É uma ideia que paralisa o pensamento.

Não usamos o véu que nos obriga à ocultação do Rosto; no entanto, há véus invisíveis que podem ocultar o nosso Rosto; que podem ocultar a possibilidade de termos, de sermos um outro Rosto. Deverá ser dito que, para além de não usarmos véu, a nudez, do corpo na sua totalidade, se tornou numa coisa perfeitamente banal e vulgar: tão banal e vulgar que chega a ser difícil atribuir-lhe algum sentido. No entanto, não é por isso que somos «mais livres e racionais» que os islamitas: só somos «mais livres e racionais» que

¹⁷ Marquis de Sade (1987). *Histoire de Juliette, ou les Prospérités du Vice*. Paris: Pauvert, p. 452.

eles se a razão nos tiver servido para adquirirmos a maleabilidade e a flexibilidade para mudarmos de Rosto, de Lei, de Referente.

A problemática sobre o visível e o invisível é aqui de uma importância capital: atribuímos um grande valor à necessidade de as mulheres islâmicas taparem o Rosto, porque isso é algo de visível; esse véu é bem visível. No entanto, desvalorizamos os véus invisíveis que, por vezes, nos ocultam o Rosto, deixando-o vazio, sem sentido; indisponível a con-figurar-se num outro Rosto. desvalorizamos os véus invisíveis que nos ocultam o Rosto porque é necessário um esforço desmesurado para chegarmos a desfazer-nos desses véus invisíveis, para chegarmos a poder ser outro Rosto; para chegarmos a abandonar o Rosto Atribuído; para chegarmos a subverter, e, a transgredir, de facto, o nosso universo legal; a Lei que nos «colaram» ao Rosto e ao resto do corpo; porque *há sempre uma qualquer Lei, uma qualquer Instância Legal; um Véu, tome ele a forma que tomar.*

Onde há um universo legal há sempre véus com a finalidade da ocultação. O Encanto máximo do Islamismo reside no facto de ser uma Lei do Desejo e do Imaginário. A decadência de que, de algum modo, os islamitas nos acusam, é a decadência do nosso Imaginário. pobre, esclerosado, monolítico, podre... com um odor pestilento a morte.

BIBLIOGRAFIA

- 'Arabî, I. (1986). *Traité De L'Amour* (trad. de Maurice Gloton). Paris: Albin Michel.
- 'Arabî, I. (1989). *Le Chant de l'ardent désir* (trad. de Sami-Ali). Paris: Sindbad.
- Augustin, Saint (1948). *De Bono Conjugali* (trad. de G. Combès). Paris: Desclée De Brouwer et Cie.
- Augustin, Saint (1959). *De Civitate Dei* (trad. de G. Combès). Paris: Desclée De Brouwer.
- Bataille, G. (1957). *L'Erotisme*. Paris: Minuit.
- Bataille, G. (1976). *Oeuvres Complètes*, Vol. VIII. Paris: Gallimard.
- Le Coran, I, II* (1967) (Trad. de D. Masson). Paris: Gallimard.
- Pereira, F. (1992). Sobre (O Corpo E) O Imaginário: Notas em Redor da Psicossomática de Sami-Ali em Forma de Prefácio. In Sami-Ali, *Pensar o Somático. Imaginário e Patologia* (trad. de Maria Emília Marques). Lisboa: ISPA.
- Platão (s. d.). *República* (trad. de Maria Helena da Rocha Pereira). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sami-Ali (1984). *Corps Réel, Corps Imaginaire*. Paris: Dunod.
- Sade, Marquis de (1987). *Histoire de Juliette, ou les Prospérités du Vice*. Paris: Pauvert.
- Sollers, Ph. (1983). *Femmes*. Paris: Gallimard.

RESUMO

Neste trabalho intitulado *O Véu que Cobre o Rosto* pretendemos compreender a lógica interna ao discurso Islâmico que legisla o uso de véu nas mulheres. Deverá ser dito que nos interessa apenas a dimensão teórica do Islamismo: aquilo que nos interessa são as Ideias. Deste modo, percebemos que o Islamismo é uma Lei, um discurso que legisla em nome do Desejo e do Imaginário. Se a necessidade de as mulheres usarem o véu nos parece «irracional» é somente devido à *Ideia de Razão* que temos: uma Ideia de Razão que identifica a função racional com a instância da censura: a *censura do Desejo e do Imaginário*. Na linha do trabalho desenvolvido por Georges Bataille, pensamos que é necessário re-definir o conceito de Razão; abrir o discurso filosófico a outras Vozes e a outros Rostos: é necessário chegar a um discurso da Razão que Acolhe, em si, o Desejo e o Imaginário. É por isso mesmo que o Islamismo, de um ponto de vista teórico, pode ser fascinante: tem o «mais» de ser um discurso do Desejo, brutal, feroz, e, é um discurso que faz um apelo, forte, ao Imaginário.

ABSTRACT

In this paper we intend to understand the Islamic discourse's internal logic which legislate upon the women use of the veil. We must say that the only issue here is the Islamism theoretical dimension: we are only concern about the ideas. Thus, we understand that the Islamism is a Law, a speech which legislate in the name of Desire and Imaginary. If the necessity of the use of the veil seems to us as «irrational» this is only due to the «Idea of Reason» we have: An idea of reason which identify the rational function with the censorship instance; the censorship of Desire and Imaginary.

Following Georges Bataille's work, we think that it is necessary to re-define the concept of Reason; to open the philosophical speech to other Voices and other faces: it is necessary to reach to a reason discourse which take in shelter the Desire, and the Imaginary. It is by this much that the Islamism can be, from a theoretical point of view, so fascinating: it has the «plus» of being a speech on Desire, brutal, ferocious, being a speech which strong appeals to the Imaginary.